MEDINA, C. ATO PRESENCIAL: MISTÉRIO E TRANSFORMAÇÃO. SÃO PAULO: CASA DA SERRA, 2016. 336 P.

Paulo da Silva Quadros
Universidade Paulista
(pós-doutorando USP)
psquadro@gmail.com

As perspectivas profissional e acadêmica de Cremilda Celeste de Araújo Medina entretecem-se com seus inúmeros encontros afetivos e intensas vivências nas áreas social, científica, intelectual, literária, artística e pedagógica, que lhe nutriram campo fecundo para romper incessantemente com a noção preconizada do uso comum de uma narrativa onisciente e autoritária de fatos observados, para abarcar no bojo das preocupações epistemológicas e antropológicas a urgência da ótica de uma pluralidade narrante sensível intermultiautoral.

Nascida em Portugal, mas radicada no Brasil desde sua infância, Cremida formou-se em Jornalismo e Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tornando-se jornalista, professora e pesquisadora no campo da Comunicação Social. Atualmente é professora titular sênior da Universidade de São Paulo, onde desenvolveu grande parte de sua carreira acadêmica, ao mesmo tempo que realizou seus estudos de mestrado (1975) e doutorado (1986) nas áreas de Comunicação e Jornalismo, tornou-se a primeira mestre em Ciências da Comunicação da América Latina formada *in loco* (1975),

Como jornalista atuante, iniciou suas atividades profissionais na Editora Globo de Porto Alegre-RS, vindo posteriormente a trabalhar em diversos órgãos de imprensa em São Paulo, bem como na área de jornalismo televisivo, com destaque para a rede de televisão Cultura, de São Paulo.

Como autora, escritora, pensadora e ensaísta, publicou dezenas de livros sobre temas nas áreas de Comunicação Social e de Literatura de Língua Portuguesa, em que entrevistou autores brasileiros, portugueses e africanos, num projeto editorial que mesclou pesquisa literária com depoimentos sobre processos criativos literários, e narrativas de vidas autorais.

Também inaugurou inúmeros projetos apoiados no exercício cotidiano das narrativas humanas como forma de superar dicotomias e intolerâncias intelectuais pressunçosas. Disso é exemplo fecundo o "São Paulo de Perfil" (esforço iniciado a partir de 1987) como laboratório experimental e ao mesmo tempo experiencial de "narrativas da contemporaneidade", ofertado a alunos de graduação de várias áreas do conhecimento, bem como a indivíduos oriundos do Programa da Terceira Idade, projeto posteriormente editado como livro-reportagem sobre a identidade cultural da população paulistana.

Além disso, nos anos de 1990, organizou, em parceria com o pesquisador Milton Grecco, a série "Novo Pacto da Ciência" (com sete volumes publicados), na qual se buscou uma dialogia social entre várias narrativas do conhecimento, conduzidas por colaboradores das mais diversas áreas de ciências e das humanidades do Brasil e do exterior (físicos, químicos, matemáticos, filósofos, psicólogos, psicanalistas, entre outros), num enfoque pluricultural, interdisciplinar e transdisciplinar.

Como docente da Universidade de São Paulo, ao longo de quarenta anos de vida acadêmica, orientou quantidade significativa de trabalhos de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, em que incetivou a iniciativa pela autoria criativa, a estratégia ensaística e o enfoque narrativo, como elementos inovadores no campo da pesquisa comunicacional.

Essas considerações feitas ao trabalho da pesquisadora são necessárias para servir de norte a fim de se compreender a vital dimensão da sua última obra editada, *Ato Presencial: Mistério e Transformação* (décimo sétimo livro publicado pela autora), pois tal obra assinala o complexo de sua experiência vivencial no campo das narrativas como suporte aos estudos fenomenológicos e interpretativos da produção cultural em sua ampla diversidade: Jornalismo, Comunicação, Educação, Literatura, Arte, Ciências Naturais e Biológicas, Tecnologia da Informação, Estudos Cognitivos etc. – entrelaçados à dimensão cotidiana dos cidadãos comuns: com enfoque nas narrativas do cotidiano, nos relatos e depoimentos de experiências enriquecedoras e nas narrativas de vida.

Do ponto de vista discursivo, a obra tem caráter estético de intergenericidade (intertextualidade intergêneros), pois funde diferentes gêneros textuais em uma mesma finalidade comunicativa: biografia, autobiografia, ensaio crítico e filosófico, resenha, relato de viagem, relato histórico, relato de experiência, relatório científico, memórias literárias, diário de ficção, fábula, entre outros. A intenção é refletir sobre a capacidade transformadora desempenhada pelo ato presencial, documentado a partir do encontro simbólico (virtual) entre gerações, tendo em vista testemunhar-se uma experiência ricamente humanizadora e transformadora.

Do ponto de vista conceitual, o livro divide-se em três partes, cada parte definida estrategicamente como Livro (Livro I – Encontros, Livro II – Laboratórios e Livro III – Memórias de Infância), obedecendo a critérios de estruturação metanarrativa e multinarrativa. Cada Livro recompõe a sua trajetória ampla como pesquisadora, docente e jornalista. Também serve como espelho elucidativo à tríade epistemológica de intenção do diálogo social permanente entre as diferenças, encarnando o título interpretativo substancial da sua proposição indagadora: o sentido do ato presencial e a questão do mistério da comunhão de afetos para promover a transformação e a emancipação de sujeitos críticos, conscientes e afetos, num mundo altamente complexo, repleto de contradições e mal-estares a serem superados.

Cada capítulo possui uma estrutura peculiar apresentada no sumário, em que se define o tema principal posto em destaque (negritado) e se expõe, logo a seguir, um texto explicativo que detalha o sentido de evocação do tema: sua justificativa e seu detalhamento consubstanciado pelo enfoque da experiência pessoal da autora, ou pela experiência do colaborador convidado (geralmente ex-aluno), e, por vezes, no cruzamento de experiências em conjunto, principalmente na área acadêmica, na relação dialógica entre orientadora e orientandos(as).

As contribuições à obra imprimem peculiaridade proveniente das produções textuais com depoimentos e citações da autora perfazendo 13 ex-alunos, que expõem as transformações pelas quais passaram a partir do encontro afetivo, intelectualmente provocador, desestruturante e correestruturante com a autora. Além disso, há participações de membros familiares, como seu marido, o escritor Sinval Medina, seu filho Daniel Medina (artista visual), da esposa Renata e do pequeno neto Tomás, todos contribuindo no significado de laços afetuosos que balizam o livro como tecido humano vivo, integrado e cooperativo.

Outro aspecto circunstancialmente relevante diz respeito ao movimento narrativo da obra, começando por "Encontros", perpassando os "Laboratórios" experienciais e culminando nas "Memórias de Infância". Os "Encontros" querem simbolizar, num primeiro momento, o encon-

tro consigo mesma (da autora com sua memória histórica e afetiva); num segundo momento, o encontro amoroso e intelectual; num terceiro momento, o encontro de/entre gerações – intelectuais e alunos/ex-alunos. Os "Laboratórios" ressaltam as atividades práticas experimentadas no campo acadêmico, com realizações frutíferas na docência e na pesquisa. As "Memórias de Infância" retomam o encontro afetivo original consigo, matendo vivo o sentido do espírito lúdico no processo de maturidade intelectual sensível. Nesse sentido, percebe-se claramente a noção de se manter uma circularidade no processo narrativo, reforçando o caráter mítico da ação narrante para organizar o caos da natureza da vida.

O Livro I – Encontros divide-se em quatro capítulos: Primeiro Capítulo – "Por que Defendo o Ato Presencial? (Na Educação e no Jornalismo)"; Segundo Capítulo – "Quatro Décadas: Diálogo de Gerações"; Terceiro Capítulo – "Sensibilidade Solidária no Espaço Doméstico"; Quarto Capítulo – "Outras Sintonias Geracionais" (subdividido em "Sintonia Guardada em Arquivo" e "Sintonia Agora Registrada").

No primeiro capítulo, altamente reflexivo, é definida a sua compreensão do ato presencial, em que faz um retrospecto simbólico remontando à sua adolescência. A partir daí, expõe suas vivências sociais e escolares do ato presencial, desde sua experiência religiosa em grupo, passando pelo teatro e também em suas visitas à enfermaria de crianças pobres na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, sua trajetória estudantil do ensino básico à universidade pública (graduação, pós-graduação), sua atividade docente (do básico ao superior), e posteriormente vinculada à ação como pesquisadora e orientadora de projetos de pesquisa, sua convivência com jovens e alunos da terceira idade.

Além disso, há um destaque dado à memória de vários de seus projetos de pesquisa implementados ao longo da carreira acadêmica (o Projeto Plural e a Crise de Paradigmas) e a questão da Dialogia Social como

> [...] proposta da renovação da linguagem técnica estratificada para a concepção ética, técnica e estética da linguagem polissêmica e polifônica da experiência efetivamente comunicativa (MEDINA, 2016, p. 17).

Outros trabalhos comentados são as linhas de pesquisa desenvolvidas, como a "Teoria do Signo da Relação", defendida em teses e livros publicados, e o "laboratório pedagógico" de "São Paulo de Perfil", que resultou em livros-reportagens com cada turma da graduação em jornalismo até 1998 e que depois foi realizado com grupos interdisciplinares e alunos da terceira idade, conforme mencionado nos dados biográficos preliminares da autora.

Mais uma experiência fundamental apontada é a como orientadora de mestrado e doutorado do Programa de Integração da América Latina (Prolam/USP), em que se disseminaram discussões interdisciplinares e transdisciplinares, a partir de 1990, com projetos de pesquisa na área de Comunicação e Cultura, com foco em países latino-americanos.

No percurso das suas vertentes intelectuais, menciona-se o encontro identitário com a obra do psicanalista colombiano Luiz Carlos Restrepo, *El Derecho a la Ternura* (1994 – *O Direito à Ternura*, em sua publicação em português), leitura que tornou-se de caráter fundamental nas disciplinas de pós-graduação, nas discussões sobre as formas de reversão do analfabetismo afetivo, com "ação dos cinco sentidos" e "a percepção de estarmos afetos uns aos outros", consubstanciada pelo

> [...] estímulo transdisciplinar da complexidade, da escuta e dialogia, da sensibilidade cultural e das identidades, da ação social interativa e da narrativa solidária (MEDINA, 2016, p. 21).

Por último, são expostas amostras da sua experiência rica como jornalista na prática cotidiana do signo da relação no qual

> [...] impõe-se o aprendizado de toda a vida para se desempenhar numa autoria relacionadora, dialógica, articuladora de conteúdos plurais (polissemia) e regência de vozes conflitivas (polifonia) (MEDINA, 2016, p. 24).

Cremilda relembra bem, neste aspecto, a proposta contemporânea do Direito Social, defendida com vigor pela América Latina nos anos de 1970, que se opunha a desafiar a hegemonia informativa do hemisfério Norte em relação ao Sul, iniciativa da qual também participou, e que até hoje se traduz no desejo utópico da acessibilidade digital plena levada a toda a região do continente americano. Direito esse que se coaduna com o Direito Social à Informação e à Liberdade de Expressão e se corporifica na conquista do "direito liberal de circulação das narrativas da contemporaneidade" (MEDINA, 2016, p. 25).

No segundo capítulo, são apresentados os depoimentos de décadas de ex-alunos, cujos testemunhos e relatos de experiências no convívio com a autora expressam o seu processo de desenvolvimento intelectual, sua inquietude aguçada por contínuas reflexões teóricas e ações inovadoras de prática comunicacional em suas atividades de pesquisa.

No terceiro capítulo, em que se foca o campo da sensibidade solidária no espaço doméstico (íntimo), são reunidos cinco textos produzidos pelo casal Sinval Medina (jornalista, romancista, poeta e ensaísta) e Cremilda Medina, revelando uma parceria intelectual e afetiva que perpassa por 55 anos de vida em comum. Em "Ficção, Reportagem e Historiografia: Narrativas em Diálogo", da autoria de Silval Medina (MEDINA, 2016, p. 134), são expostos diversos apontamentos reflexivos a respeito da diversidade interpretativa do conceito de narrativas, que vão desde as contribuições filosóficas de Aristóteles até as indagações proferidas por Jacques Le Golf, Demétrio Magnoli, Alfredo Leme de Carvalho, Mario Vargas Llosa e Carlos Reis. No tocante a isso, Sinval indaga-se entre as distinções existentes, muitas vezes tênues, entre: narrador literário e historiador profissional; narrativas literárias ficcionais e não ficcionais; narrativa literária e narrativa historiográfica.

> Não será exagero datar as origens da narrativa ao tempo em que nossos ancestrais começaram a interagir por meio da produção simbólica, ou seja, da produção da linguagem. Não há como negar, porém, que o surgimento da escrita vai ser um importante marco divisório na evolução do processo, dando origem a discursos que, *grosso modo*, poderíamos separar em duas vertentes: as histórias imaginárias e as crônicas históricas. O fato é que, desde a origem, essas formas narrativas se entrelaçam de modo quase inextricável. Depois de serem consideradas, durante séculos, produto da pura imaginação, as epopeias homéricas são cada vez mais amparadas por descobertas arqueológicas, ou seja, por dados empíricos. A Guerra de Troia, que durante muito tempo foi considerada produto de exaltação poética de um aedo cego, aflora das ruínas como "verdade histórica". Já a crônica dos poderosos, sejam eles antigos imperadores ou modernos governantes, apresentadas como fiel retrato da realidade, servem mais para ocultar ou edulcorar os acontecimentos do que para revelá-los. Em resumo, não é fácil distinguir em uma narrativa literária, seja ela novelesca, historiográfica ou jornalística, os limites entre a realidade e a ficção. (MEDINA, S. *apud* MEDINA, 2016, p. 137).

Já no quarto capítulo, a autora vislumbra "Outras Sintonias Geracionais": um encontro resgatado em texto jornalístico, entre ela e o pensador Umberto Eco, revisitado em memória de sua morte, em 2016, data do lançamento da obra analisada; e a leitura que realizou acerca do livro de memórias de José Serra (atual senador da República no Brasil), a qual aguçou sentimentos de encontros de pessoas e lugares, onde também ela estivera, o que revivifica sua memória pessoal de outros tempos.

A primeira sintonia (com Umberto Eco) toca-lhe pela proximidade entre os dois em relação ao amparo teórico-prático no campo da comunicação social. A segunda sintonia reacende suas memórias no campo das suas leituras e viagens pessoais,

além de parcerias e utopias relacionadas à América Latina como um ponto identidário de geração.

O Livro II – Laboratórios compreende três capítulos: Quinto Capítulo – "Razão Complexa, Intuição Sintética: Ação Transformadora"; Sexto Capítulo – "Trocas Disciplinares, Desafios Transdisciplinares"; Sétimo Capítulo – "Texto e Narrativa: Mediação Autoral".

O quinto capítulo discorre sobre o uso dos laboratórios pedagógicos presenciais cujo objetivo é a tentativa de fomentar o diálogo social, ao se alinhar o pensamento racional à intuição sensível. Neste aspecto, Cremilda Medina defende a importância de uma viagem ao Outro, visitando-se concretamente outros espaços e lugares culturais que simbolizem o trajeto da viagem mítica, conjugando "o movimento para fora do Eu, a interação Sujeito-Sujeito, e a fruição do encontro intertextual da Arte" (MEDINA, 2016, p. 209). Como também "o gesto íntimo da intuição criativa dos artistas", que

> [...] fertiliza a sensibilidade daquele que vai ao mundo e se expõe aos desejos coletivos de outra história que a narrativa mítica tão nitidamente registra nas obras artísticas, da literatura à música, do teatro às artes visuais, ao cinema (MEDINA, 2016, p. 209).

Nestes termos, a autora quer salientar que a realidade das vivências sociais afetivas concretizadas no ato presencial desfaz a racionalidade do pensamento fechado e reducionista, que se baseia meramente em fundamentos explicativos do ser humano, para desembocar num acontecer de coisas inusitadas que tornam possível o despertar de um compreender sutil e complexo das contradições humanas, presentes no indeterminado e na força dos imaginários e que revelam "os árduos caminhos dos atos emancipatórios que emergem do caos cotidiano" (MEDINA, 2016, p. 210).

Um dos pontos cruciais que assinalam bem suas preocupações como educadora e pesquisadora, neste capítulo, é a ideia de construção de uma mediação autoral das narrativas da contemporaneidade, para que o ato presencial de reportar fatos cotidianos transcenda a mera apresentação de imagens, fotos e fatos amplamente noticiosos, abarcando significados complementares que, a partir da estratégia da leitura cultural da arte, em suas diversas codificações, desperte intuições pouco evidenciadas, que somente o mistério do gesto da arte e a poética da interprtetação são capazes de revelar.

O sexto capítulo expõe a riqueza de trocas de experiências vivenciadas com grupos de pesquisadores de diversas áreas de conhecimento. Novamente, Cremilda reforça a questão da sensibilização pela arte como elemento de superação conceitual de desencontros nas hierarquias científicas, expondo sua relevância e sua pertinência tanto no campo da comunicação social quanto na educação.

Nesta linha de pensamento, ela propõe, do ponto de vista metodológico, amalgamar-se a poética à pesquisa científica como forma de se desenvolver uma linguagem dialógica "capaz de provocar o encontro/desencontro do Saber Plural" (MEDINA, 2016, p. 227), que favoreça o intercâmbio epistemológico para se superar determinadas fronteiras do conhecimento especializado. O Projeto Plural, que fora coordenado na Universidade de São Paulo por Cremilda, é enunciado como exemplo de iniciativa acadêmica que tornou possível a troca entre diversos especialistas para a tentativa ousada de transformação de grades curriculares a partir de temáticas transdisciplinares.

No sétimo capítulo, há uma defesa medular da oficina autoral como estratégia de se romper a visão maniqueísta de relatos da atualidade. Sua crença é de que a produção simbólica autoral não apenas se submeta a administrar certos sentidos oficiais, do senso vulgarizado (sensacionalismo espetacularizado da notícia) ou fortemente impregnado por ideologias ou mesmo por deficiência de informações. Para a autora, "a narrativa de mediadores-autores surpreende pela renovação

e reestruturação do sentido" (MEDINA, 2016, p. 276). Ela adverte que, embora a manipulação maquiavética da indústria cultural seja fortemente atacada nas teorias críticas, muitas vezes o espírito mítico para impregnar análises de fatos observados é deixado de lado, o que desumaniza a figura humana muitas vezes em destaque nos frequentes noticiários.

> Quando as narrativas abdicam da história humana, seja no cotidiano dos anti-heróis, seja no humor emancipatório em que os cantadores narram a condição trágica, seja nos gritos extremos do desespero e da morte, em que um pai perde seus filhos e a companheira na viagem por melhores dias, como não reivindicar para o centro da narrativa contemporânea a particularidade de uma história humana, a de um pequeno ser de 3 anos estendido na praia da esperança humana? (MEDINA, 2016, p. 266).

Cremilda compreende que a chave epistemológica do ato presencial tanto na educação quanto na prática jornalística cotidiana, quando do uso de qualquer código de narrativa (de natureza verbal ou não verbal), está no cerne do desencadeamento de estímulos sensoriais e lembranças, aflorados no contato direto "com a circunstância em que os sujeitos da ação (seja no ensino-aprendizado, seja na reportagem)", desde que esses estejam afetos no diálogo possível, para que a comunhão poética dos cinco sentidos – olfato, tato, paladar, visão sutil e palavra poética – se faça presente (MEDINA, 2016, p. 266).

Finalmente, o Livro III – Memórias de Infância, que compõe o fechamento do círculo mítico, enaltece o poder da fabulação como recurso estilístico para religar fronteiras do imaginário simbólico fantástico entre Brasil e Portugal, a partir da releitura cultural da estória popular brasileira da "Dona Baratinha" recriada para a versão portuguesa da "Dona Carochinha", o que autora traduz como um divertida brincadeira lúdica de reivenção de personagem.

A personagem original brasileira, que sai do Brasil e vai morar em Portugal, mudando de nome, pode ser entendida como a própria história da autora em versão invertida: que veio pequena de Portugal para morar no Brasil, adotando-o como pátria afetiva, mas que sente o desejo zeloso de preservar honrosamente a memória rica do seu passado e origem ancestral de suas raízes. Por isso, quer manter vínculos culturais fortemente indissociáveis entre as duas nações, num transitar circular infindável. Desta forma, ela faz uso do hibridismo linguístico entre expressões brasileiras e portuguesas, com o intuito de consubstanciar o inestimável sentido de aprendizado da resiliência humana coligado ao movimento contínuo do "estar presente" como signo acontecente da existência.

Após estas análises pormenorizadas em relação ao aspecto estrutural do livro *Ato Presencial: Mistério e Transformação*, é crucial ter-se em vista também uma percepção estética apurada, a começar pela cor da capa do livro: acizentada em múltiplas variações, numa clara alusão ao senso de mistério, opacidade, inquietude, impenetrabilidade, ambiguidade, dialética, que habitam o íntimo da interação comunicativa humana para o desafio intuitivo da experiência inovadora da criação.

Trata-se, portanto, de um convite à hermenêutica simbólica e ontológica da tessitura de encontros entre sujeitos afetos a uma identidade comum transformadora. Da capa à apresentação de cada capítulo, é possível encontrar símbolos míticos e abstratos que evocam o círculo da vida da autora, desde a infância até os dias atuais. Estes símbolos aparecem postos em locais do livro em ordem sequencial, como compondo uma narrativa mítica. Há também um cuidado com a diagramação de todo o texto impresso num uso aprimorado de estilos de letras e espaçamentos, que sinalizam o tempo da era digital em convivência com o espaço do livro impresso, sem disputas turbulentas, na busca de uma serenidade de espírito necessária.

Figura 1 – Capa do livro *Ato Presencial: Mistério e Transformação*, de autoria de Cremilda Medina

Figura 2 – Cópia da página introdutória do Livro I, primeira parte do livro *Ato Presencial: Mistério e Transformação*, de autoria de Cremilda Medina

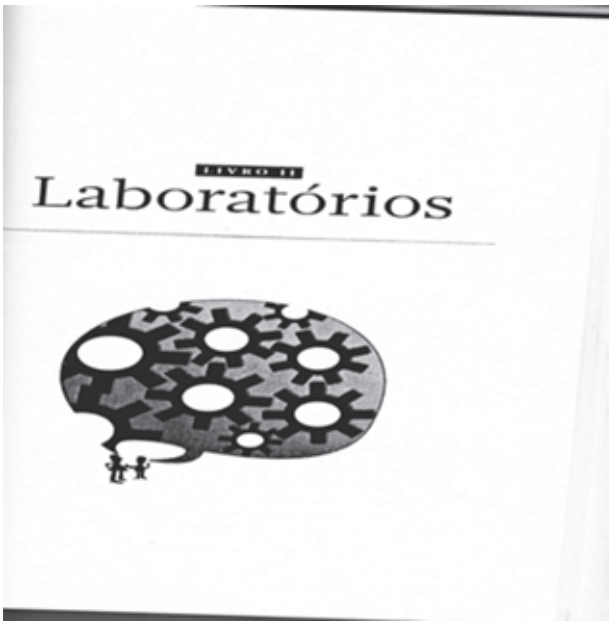

Figura 3 – Cópia da página introdutória do Livro II, segunda parte do livro *Ato Presencial: Mistério e Transformação*, de autoria de Cremilda Medina

De um ponto de vista analítico, mas jamais conclusivo, verifica-se que a autora fundamentou a tessitura orgânica de seu livro como a estética de uma obra inteiramente aberta a interpretações diversas, com o intuito de compreender vivencialmente a natureza dos afetos humanos como fonte de uma educação humanizante e transformadora. Deste modo, é clara sua inegável identificação com Gilbert Durand, na perspectiva da hermenêutica simbólica (mítica); com Edgar Morin, na tentativa singela de compreensão da complexidade da natureza humana a serviço da transformação e emancipação de sujeitos num espaço coletivo de interação criadora; e com Paulo Freire, no tocante à educação problematizadora e emancipatória de sujeitos críticos, conscientes da sua dimensão histórica e social.

Nesta acepção, é possível compreender a obra de Cremilda Medina em sua dimensão ampla como um exercício de "metaleitura" do ato presencial, ou seja, como leituras sobre leituras em aberto, denotando a dimensão inequivocamen-

te complexa das relações humanas e dos signos que as regem no seu acontecimento inusitado. Também como conjunto contínuo de "transescrita", no tocante a um agir discursivo a sedimentar o cruzamento de identidades culturais que atravessam fronteiras e territórios do imaginário simbólico, para compor zonas de contatos afetivos e solidários, voltadas para a imanência do diálogo social.

As várias vozes que ecoam no texto escrito a várias mãos produzem o efeito de uma "pluri--interpretação", tendo em vista que abrem caminhos férteis para possibilidades inesgotáveis de se compreender o que é a presença como ser, no sentido heideggeriano, e a existência transcendente do afeto e do signo da relação, na acepção da autora, narrativizada a partir das múltiplas experiências de vida que se entrecruzam à dela, como jornalista, educadora, pesquisadora e epistemóloga, num ato de "atravessagem" (como ela mesma se indaga em outra obra sua) entre espaços, tempos, mentalidades e sensibilidades.

Referência

MEDINA, C. *Ato presencial*: mistério e transformação. São Paulo: Casa da Serra, 2016. 336 p.